

E queremos dizer, por fim, que a última experiência de A. Pais em matéria heresiológica, justamente a da sua vivência peninsular, matricial, de forma alguma se prestava a exigir-lhe, quer uma reflexão sobre os (ou uma revisão dos) seus conceitos ou métodos, quer, o que seria aliás menos improvável, a possibilitar-lhe a admissão de uma positividade sobre o *Lugar do Outro*, a admissão enfim de que a heterodoxia não significa a renúncia à Verdade¹⁶⁸

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO

O Amor idealizado no pensamento de Leonardo Coimbra

INTRODUÇÃO

Leonardo Coimbra apresenta-se de difícil leitura. Seu pensamento inclina-se às vezes mais para uma meditação do que para uma exposição clara, rigorosa e científica. Ele voa alto e voa livre, conduzido tanto pelas asas da filosofia quanto pelas da poesia.

Parece não ter sido sua intenção a de traçar com precisão a rota a seguir. O destino é claro, mas o caminho, há que fazê-lo passo a passo, pessoal, aceitando o desafio de enveredar continuamente por múltiplos desvios.

Possuidor de vasta cultura e memória prodigiosa, seria talvez imprescindível conhecer mais a fundo o que ele leu e estudou, para que se disponha de uma bússola capaz na orientação pelos meandros do seu pensamento, naquilo que ele rejeita, escolhe ou cria.

Falar do Amor na obra de Leonardo Coimbra é escolher um tema vasto, quando, ele próprio, dá-lhe dimensão cósmica: «O que sabemos é que uma onda de Amor imponderabiliza o Universo»¹. Sabemos? Sabemos que também para os gregos uma alavanca e um ponto de apoio imponderabilizariam o mundo. Mas a imponderabilidade, seja no seu contexto de obediência às leis físicas, seja no seu contexto de potencialidade energética metafísica, resvala, no primeiro caso para a mera possibilidade, e no segundo

¹⁶⁸ Eduardo LOURENÇO, *Heterodoxia*, I, [ed. do A.], Coimbra 1949, 13.

¹ LEONARDO COIMBRA, *O Criacionismo*, in *Obras*, I, Porto, Lello e Irmãos Editores, 1983, 382-383.

pode empurrar para uma ilusão idealista. Mas nem todo ideal é ilusório. Ilusório é aquilo que engana, é o jogo traiçoeiro da aparência, enquanto que o ideal, se não tem rosto, é por mera incapacidade nossa de olhá-lo com outros olhos que não sejam os de devir. Aqui tem início e se delineiam as questões fundamentais suscitadas pelo tema que expurei em forma de três perguntas: Haverá entre o AMOR IDEAL e o AMOR REAL uma identidade, uma oposição ou uma conjugação de aspectos de um único fundamento? Tenderá o AMOR IDEALIZADO a uma CONCREÇÃO ou a uma SÍNTESE METAFÍSICA? Que leitura há que fazer-se do Amor na obra de Leonardo Coimbra: a do AMOR IDEAL ou a de um IDEAL DE AMOR?

A tentativa de escrever sobre o Amor Idealizado no pensamento de Leonardo Coimbra é, de certa forma, uma tentativa de estabelecer um diálogo de Amor, tanto quanto um diálogo sobre o Amor. Seria possível tal diálogo? A palavra é ponte na relação e a possibilidade de abrir o diálogo mostra que é ponte de dupla direcção. A morte do filósofo amadureceu o que foi escrito, colocou um ponto final, o último, e a possibilidade de um contacto através da palavra tem que obedecer a esta perspectiva para que não haja a tentação de se cair no imaginário. A palavra vive plena de realidade na medida em que se estabelece como dialogante.

Quanto a ser «de Amor» tanto quanto «sobre o Amor», esta é a contrapartida ao facto do escrito amadurecido, do irremovível ponto final. Aprender o Amor e aprender sobre o Amor são momentos indissociáveis, ainda que se trate do AMOR IDEALIZADO.

AMOR IDEAL / AMOR REAL

Leonardo Coimbra ao finalizar uma Conferência que intitula *Filosofia da Liberdade*², conta uma pequena fábula que diz que são «as últimas notícias do céu». Num colóquio entre deuses, Minerva, para mostrar que «o homem é algo de inquieto e inquietante»³, solicita a presença de «um homem de Amor», pois o

² LEONARDO COIMBRA, *Filosofia da Liberdade*, in *Dispensos*, III, Lisboa, Ed. Verbo, 1988, 28.

³ *Ibidem*, 23.

banqueiro que haviam já trazido, revelara-se uma amostra muito pobre da raça dos homens. Trazem, efectivamente, o «homem de Amor» que, facilmente seduzido por Vénus, acaba por mostrar que não se trata senão de um passional. A situação muda com a presença de um terceiro elemento que é um Poeta. Este pequeno trecho é sintomático daquilo que vem a ser o Amor no pensamento de Leonardo Coimbra. O «homem de Amor» revela-se um passional porque não é capaz de conviver com o Mistério, de «ver dentro». «O Mistério é uma gaveta fechada... esconde o que está dentro; e o que estará no interior desse dentro?»⁴. De certa forma, não é que o Poeta consiga decifrar o enigma, desvelar o Mistério; ele é aquele que tem o poder de apresentá-lo e representá-lo. Há o homem de Amor e o Poeta, mas só o segundo é capaz de converter (!) Vénus e dar a Júpiter a sensação de ter os ossos atravessados pelo vento do Mistério. Mistério é força que penetra tudo e espiritualiza tudo:

«Qual é o denominador comum dos fios do Universo?
O Amor! O Amor! O Amor!
Essa a unidade: o Amor, Deus!
Deus!»⁵.

Portanto, é ao nível do Absoluto, do Mistério, de Deus que se há de buscar o Amor. Mas, os homens conhecem o Amor a despeito de serem ou não poetas. Qual a realidade desse Amor de que fala o filósofo-poeta (ou o poeta-filósofo?), qual a sua acessibilidade?

«A realidade é uma construção do pensamento»⁶, diz Leonardo Coimbra, e acrescenta mais adiante: «a vida do pensamento é um ritmo de apropriação ampliativa»⁷. Está patente que a ampliação dá-se na forma predominantemente ascensional, pois «a matéria não existe, mas sim a tendência materializante»⁸. Obviamente a matéria não chega à identificação com o Nada, mas não tem a realidade que é dada ao espírito. O idealismo cinde o homem numa dualidade cuja tensão é o Amor que faz

⁴ Id., *O Mistério*, in *Dispensos*, III, 125.

⁵ *Ibidem*, 125.

⁶ Id., *O problema da indução*, in *Dispensos*, III, 41.

⁷ *Ibidem*, 42.

⁸ Id., *O Mistério*, in *Dispensos*, III, 132.

aflorar. É, relembrando, a questão fundamental de herança grega do UNO e do MÚLTIPLO que o Amor problematiza; «todo sentimento é dramático — amor do espírito e amor da matéria. O espírito fraterniza e vive na luz. A carne individualiza e vive na treva»⁹. O idealismo afasta-se da realidade e afasta a realidade quando peca por uma inclinação tendenciosa.

Em geral, na linguagem filosófica o Amor é definido como o nome dado às tendências atractivas e electivas. Atracção e eleição são ambas relações que pedem sujeito e objecto. A definição é por demais generalizada, pois a natureza atrai e é atraída e nas diversas espécies há eleições e repulsas, sem que se possa falar aí de Amor, sendo antes uma questão de lei física ou apetite natural. Há que buscar aquilo que define o Amor por distinção daquilo que não é Amor: Amor é acto total e específico do ser pessoal. A questão que se põe então é se a Pessoa é sujeito do Amor ideal ou do Amor real. Ora, para o idealista trata-se de uma só coisa, visto que o ideal é sempre real. «Descartes só poderia e deveria dizer: Pensamento-pensamento e pensamento-extensão. Se assim tivera falado, teria evitado aos homens toda uma via dolorosa de dúvida e desalento em busca da união de duas correntes, que, sendo paralelas, jamais se encontrariam»¹⁰. Ao real o que se opõe é o IRREAL e não o ideal. O que se oporia então ao Amor ideal seria o Amor actual. Se amar define a Pessoa, a Pessoa será sempre o sujeito do Amor actual. A meu ver o ideal só tem realidade na medida em que o possível é real. Leibniz toca na mesma questão, ressaltando que, embora todas as possibilidades sejam compatíveis e o possível tenha uma exigência intrínseca de existir, há a não possibilidade impedindo que todo possível exista. Ora, se as existências todas fossem compatíveis entre si, todo possível seria automaticamente real. Parece-me que o ideal tem a sua existência, mas como ideia exemplar, no pensamento.

Para Leonardo Coimbra «o realismo é o pensamento idealista, dialético-sistemático»¹¹, base do seu pensamento criacionista. É o caso de começarmos por perguntar qual a «consis-

⁹ *Ibidem*, 99.

¹⁰ ID., *Do Amor e da Morte*, in *Obras*, I, 575-576.

¹¹ ID., *Pensamento Criacionista*, *Obras*, II, Porto, Lello e Irmãos Editores, 1983, 118.

tência» da Pessoa? Tecendo uma extensa apreciação ao problema do MESMO E DO OUTRO, Leonardo Coimbra diz que «os indivíduos são ideias»¹². Há uma hierarquia de realismo na Ideia. Enquanto há «ínfimo realismo de cousas ou isolados seres»¹³, há um «supremo realismo da Ideia»¹⁴. E acrescenta: «A pluralidade existe para enriquecer a unidade»¹⁵. Isto leva em si uma certa carga de platonismo. O homem está aprisionado no disperso.

Não há como negar a tensão dialética entre o UNO e o MÚLTIPLO, e também não há como negar que o ser-sendo é realidade em acto e ânsia. A questão persiste no facto de que é dentro desta dialética que o homem é. A realidade não é tensão, mas não há realidade sem tensão. O supremo realismo é Ideal quando este Ideal surge como maneira de organizar a realidade, mas não como força capaz de efectivá-la.

Para Leonardo Coimbra a individuação é obra do pensamento: «quando solidificamos o pensamento, fica a realidade separada em cousas que são os termos da relação, que é a própria vida do pensamento»¹⁶. Ora, cada pessoa pede a individuação, a consciência de si como EU, de si como limite, de si como abertura ao outro e, através do outro, ao totalmente outro. Tender para a unidade não é tender para fora de si. Há que ter-se em si o ponto de encontro e a convergência. Em cada pessoa tudo se cruza. O idealismo conclama a uma unidade fora do homem, ou, pelo menos, se podemos representá-lo geograficamente, no seu promontório, na sua fronteira, no seu limite, abstraindo sempre e mais, como se esta abstracção fosse o único caminho para uma unidade real. Logo, o Amor ideal, como atracção e eleição, partindo da pessoa, por exclusão dos outros, só teria sua plena realidade na Pessoa Absoluta, no Absoluto Outro. De que serviriam os outros? De parceiros num jogo ético, de degraus de virtudes, de camaradas de partidas morais? Leonardo Coimbra diz, sem negar o Amor humano, que ele é apenas «ponto de contacto com o Mistério»¹⁷. Ele vai mais longe e é quase sar-

¹² *Ibidem*, 125.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*, 123.

triano quando diz: «Eu e os outros, eis a origem da tragédia»¹⁸. No entanto parece-me que «Eu e os outros» é a única porta possível de acesso ao Mistério, e, se isto ainda se pode considerar como trágico é que no homem o temor de si é mais forte que o temor de Deus.

Deus é Amor, e o Amor humano não é presença de um deus menor. «Se realidade cósmica, Deus é garantia dos nossos valores morais... o último momento da realidade será um telmo»¹⁹. Mas, o último momento da realidade será sempre um humanismo, por mais PESSOA que se torne cada um de nós, e isto é uma realidade com a qual mesmo o Amor de Deus tem que se conformar, ou passaria a valer o panteísmo mais exacerbado. Eu não conheço experiência de Amor que não seja humana e experiência de Deus que não seja humana. Se é o homem o termo de uma relação, não é possível que seja de outro modo. O Criacionismo apresenta a vida como criação contínua, metamorfoses consecutivas, mas não é uma borboleta que nasce, é um homem, e, se é o homem, é com seu Amor de homem que nasce. Deus é a trama no tecido de relações. O Amor ideal é Amor real enquanto Amor humano, isto é, enquanto se realiza no âmbito do Absoluto, mas sempre na relação EU E OS OUTROS. E isto não é negar o ABSOLUTAMENTE OUTRO. Dizer EU é dizer que sou no âmbito do EU ABSOLUTO, quando o meu EU é um EU em relação ao TU. E reconhecer o TU é reconhecê-lo no âmbito do TU ABSOLUTO, quando aquele TU é um TU em relação a mim. Toda a dialéctica compreende oposição, liberdade e não-liberdade. O Amor é por excelência esta liberdade e esta não-liberdade. EU liberdade em frente ao TU (minha não-liberdade) no âmbito de um ABSOLUTO LIBERTADOR. Trágico? Talvez, humano sempre. O próprio Leonardo Coimbra o reconhece: «queremos com o vigoroso, independente e profundo pensador espanhol Unamuno, o homem de carne e osso; gostamos, no entanto de dizer, para que não esqueça, de carne, osso e alma também»²⁰. É um idealista quem fala, e o Amor ideal permanece, em última análise, sempre mais uma questão de alma.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, 127.

²⁰ *Ibidem*, 118.

AMOR IDEALIZADO — CONCREÇÃO OU SÍNTESE METAFÍSICA

«Uma rosa é bela porque todas as suas partes estão unidas por um comum destino... o corpo da Beleza é o disperso, que é a sensação; a sua alma é a ideia, que é a unidade»²¹. A Alegria, a Dor e a Graça é um escrito pleno de beleza porque descreve estados de espírito que não poderiam advir senão de experiências vividas.

O homem é uma realidade psíco-física no qual Leonardo Coimbra descobre um eterno movimento anabático cuja força impulsora é o Amor. O estado amoroso tem «uma insaciável fome de expressibilidade»²²; há como que «uma infinita ansiedade de comunicação»²³. Há a dádiva pessoal e a necessidade de dar «no seu afecto, o próprio Universo»²⁴.

Enquanto criança, o homem conhece «a forma primitiva do heroísmo e da santidade»²⁵ e comunica-se com o Mistério na Origem. Tem olhos de ver, alcança «a alma das coisas»²⁶. Há mais uma vivência directa do que uma capacidade de exprimir o mundo. Mas, é inevitável que cresça, e, chegado à puberdade, «irrompe o instinto unificador; não é o desejo de um prazer, mas a própria Alegria impelindo-o numa totalidade arquejante para um além que o complete»²⁷. O filósofo reconhece que neste impulso laborioso o homem é «todo o seu ser, corpo e alma»²⁸. Este instinto unificador tem sua carga de sexo. O Amor, no entanto, deve ser «síntese da espiritualidade e da carnalidade»²⁹. A carnalidade só é válida como impulso dirigido, não para a integração, mas para uma unidade que a ultrapassa. O Amor visa «a assimilação do cosmos»³⁰. O que se há de colocar aqui em questão é a possibilidade de CONCREÇÃO (no sentido de inte-

²¹ *Id.*, *A Alegria, a Dor e a Graça*, in *Obras*, I, 409.

²² *Ibidem*, 423.

²³ *Ibidem*, 422.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*, 404.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ *Ibidem*, 424.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Ibidem*, 425.

³⁰ *Ibidem*.

gração total, alma e corpo na sua realidade existencial), e, a seguir, o que realmente representa esta síntese de espiritualidade e carnalidade.

Tanto quanto o espírito, a carne tem suas próprias fomes e exigências. A carne, para o filósofo, deve ser «nitidamente pensamento, ansiedade metafísica. Homens houve que souberam pôr, em concreto, a alma acima do corpo»³¹. É sempre o idealista quem fala: «a carne tem a sua dialéctica, é uma diversidade esparsa; requer a síntese que a reconduza à unidade, a enriquecer-se de novos poderes»³². Que fome ou que exigência pode ser aceite na carne reduzida a «modo de espírito»³³? A resposta está dada: «ansiedade metafísica». Mas onde, a celebração da carne? Onde o lugar do corpo? Suprimir o corpo é suprimir o gesto e suprimir o gesto é suprimir o rito, pois é o corpo que celebra. Ele celebra quando nasce, quando cresce, quando ama, no silêncio e na inquietude, quando amadurece, e, mesmo envelhecer é celebração. Enquanto houver o que arder o corpo celebra, a carne celebra. Quando Leonardo Coimbra diz que «o beijo começa nos lábios do amante e acaba a arder em vida espiritual, na estrofe do Poeta»³⁴, fica-se pensando na grande tentação de espiritualizar o corpo de tal forma que o que se ama é o Amor, sem rosto, vazio de empenhamento, de risco, de revelação, de reconhecimento de si próprio e do outro, do humano frágil e mutável um mal que tantas vezes acomete os adolescentes, os Poetas, e, porque não, os filósofos? Talvez, por isso, é igualmente difícil amar ou ser amado. Ambos pedem o reconhecimento de uma concreção de Alegria e Dor, e é sempre necessário um corpo tanto para a Alegria quanto para a Dor. E mesmo na Dor, que é a impaciência do outro, o espanto, a não-liberdade, a repulsa, a redução a uma função, a minimização, a indiferença, o esquecimento, o medo, mesmo aí o corpo celebra. A cruz está sempre presente, mesmo numa aventura de espírito.

A síntese é exigência do homem integral, isto é, tanto é exigência do corpo quanto do espírito. Uma vez espiritualizada a carne, o filósofo pode dizer que «as almas verídicas (porque

³¹ *Ibidem*, 402.

³² *Ibidem*, 418.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*.

há aparências, esboços de alma) nutrem-se dum único alimento — o absoluto»³⁵. O absoluto, o Mistério requer um ser espiritualizado para abraçar, requer a síntese. O homem deve ascender ao promontório mais alto, à sua última fronteira, recolhendo-se no que é disperso, buscando sua identidade na unidade. Qual o caminho? O Criacionismo leva o homem a vogar «em pleno idealismo substancial, onde o real, o núcleo da existência, é a ideia moral, isto é, a consciência»³⁶. A síntese requer fazer-se através de uma tomada de consciência, síntese do homem enquanto tendendo moralmente para o Mistério, para a unidade. «A moral está sempre e em cada momento, no mesmo nível, pois ela é simplesmente a opção pela vida espiritual universalmente fraterna»³⁷. A síntese que espiritualiza o homem, segue-se nova síntese de «espiritualização do planeta»³⁸. Em todo o percurso há acção e reacção, mas a dialéctica é sempre ascendente. A vontade moral parece coordenar-se com a vontade amorosa, no entanto é aquela que sobrepuja esta. «E a vontade de consciência penetra para além do abismo...»³⁹. Trata-se então, já não apenas da consciência que o homem tem de seus próprios estados, mas da consciência cósmica. Entenda-se sempre que o pensamento criacionista quer levar o homem à fusão no Todo. Visa a última síntese. «O Todo deixa de ser a simples justaposição de unidades, para querer ser o acordo, a penetração amorosa, o comum esforço para um Universo consciente de si e da sua harmonia»⁴⁰. Para tanto, assim como «o geómetra precisa dum espaço contínuo para nele inserir as determinações ideais das suas figuras, o homem carece duma continuidade moral, donde jorre, sem termo nem desfalecimento, a água perene das suas virtudes sociais...»⁴¹.

De que moral fala Leonardo Coimbra? De uma moral de virtuosos ou da moral dos santos? Isto me parece importante estabelecer, visto que em certas passagens da sua obra o autor parece

³⁵ *Ibidem*, 399.

³⁶ *Id.*, *Pensamento Criacionista*, in *Obras*, II, 116-117.

³⁷ *Id.*, *Luta pela Imortalidade*, in *Obras*, II, 255.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibidem*, 317.

⁴⁰ *Id.*, *Pensamento Criacionista*, in *Obras*, II, 136.

⁴¹ *Ibidem*, 136.

que se contradiz. Creio que Leonardo-filósofo inclina-se para uma moral mais rígida de virtuosos, enquanto que Leonardo-poeta advoga a moral amorosa dos santos. É o Amor que leva à fusão no Todo, e que é, no fundo, um fremente desejo de consciência. É dentro deste prisma que reconhece sua própria ânsia metafísica, sua fome de absoluto — «O infinito é a consciência de Deus»...⁴², e acrescenta: «a vida é, pois, o caminho para a consciência e, por ela, para o hipervolume espiritual. Deixa em seu caminho a consciência trémula mas acesa e a matéria destruída. A consciência seria a matéria a arder...»⁴³.

Chegados a esta altura onde a realidade é metafísica, onde o ar é rarefeito e o Amor ontológico, apetece-me transcrever mais algumas linhas do filósofo: «Lembro aqui o sincero, hiperbólico dito do mais ilustre poeta português, num dia em que lhe falava da imortalidade da alma: «Não me interessa. O que eu quero é o meu corpo, para ir à Brasileira tomar café»⁴⁴.

AMOR IDEAL OU IDEAL DE AMOR?

Leonardo Coimbra é um homem de seu tempo, embora com isto não queira negar a extensão universal de muitas posições que assume. Desta forma fica esclarecido que, embora eu possua ainda um conhecimento insuficiente da sua obra (as palavras, as ideias podem desdobrar-se ao infinito), eu a julgo forte, poética, por vezes arrebatadora, diria mesmo aliciadora, oferecendo um desafio constante ao pensamento no sentido de incitá-lo a ultrapassar os limites do contingente e do quotidiano. Lê-lo fez-me usufruir de uma experiência enriquecedora, vivencial em muitos sentidos. Tentar escrever alguma coisa baseada no seu pensamento obrigou-me a pensar e rever conceitos próprios.

Quando digo que Leonardo Coimbra é um homem de seu tempo, quero aqui referir-me especificamente à sua visão da MULHER. Este tema dentro do tema principal — o Amor — é importante por duas razões: o Amor sendo relação entre termos, pede a esclarecedora visão de um termo sobre o outro, que pode

⁴² ID., *A Razão Experimental*, in *Obras*, II, 805.

⁴³ *Ibidem*, 807.

⁴⁴ ID., *Luta pela Imortalidade*, in *Obras*, II, 291.

ser, e é, no caso de Leonardo Coimbra e a mulher, extremamente reveladora. Em segundo lugar, sendo eu própria uma mulher, seria impensável passar ao largo do assunto sem maiores considerações.

Poderíamos dizer que Leonardo Coimbra não escreveu nenhuma obra especificamente sobre a mulher? Assim o penso, porque, no que tange ADORAÇÃO, o primeiro do tríptico — A Mulher, a Criança, Deus (os dois últimos não chegaram a ser escritos), — trata-se muito mais de um livro escrito à mulher do que sobre a mulher. Entenda-se, a mulher está ali, resplandecente e próxima como um abraço, enquanto o Poeta sonha intenções multifacetadas de um entendimento não admitido: «Sabes lá o que és para mim»⁴⁵! Há sobretudo uma tentativa progressiva de auto-revelação, «ama outro homem, sê dele, se isto te apraz ...Que me importa? Sou o Amor e sem mim não lhe saberias falar, e, sem mim, não terias que dizer-lhe em teu profundo olhar de mistério»⁴⁶. Por instantes há uma íntima luta em que se podem perder os dois, uma opção entre caminhos que é o próprio Poeta quem escolhe: entroniza a mulher no abrigo seguro de um «hortus conclusus» onde pode cantá-la em sua eterna adoração.

Não obstante, podemos dizer com segurança que a mulher está presente em toda a obra do filósofo e não é mencionada apenas casualmente. Ela surge em passagens importantes, de forma incisiva, para dizer algo do indizível, como expressão de ternura na memória de Leonardo colegial, filósofo amadurecido, Poeta em eterna adolescência, como verdadeiro e reconhecido termo do Amor. Mas surge igualmente no temor da sedução, como atracção aniquiladora. Ela é, por vezes simbólica, por vezes personificada, a Mulher indeterminada e a Mulher nomeada, mas sempre envolvida numa aura nebulosa, mulher metafísica e do mistério, perigo velado, herança do século XIX, romântica e frágil.

Gostaria de traçar um paralelo entre duas passagens numa mesma página de A Alegria, a Dor e a Graça. Rememorando tempos passados, Leonardo Coimbra conta: «Quando colegial... A mulher era o Mistério. Mistério próximo e todavia inabordable

⁴⁵ ID., *Adoração*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1921, 13.

⁴⁶ *Ibidem*, 15.

se nos falta a firmeza, se, dos nossos sentidos e jeitos, é ausente a humildade atenciosa»⁴⁷. Desta passagem, verdadeiramente encantadora, em que a mulher surge plena, embora ainda indeterminada, diante dos olhos curiosos e maravilhados do homem-menino, passemos nas asas do tempo, que a literatura permite em poucas linhas, ao que diz o menino amadurecido e já filósofo: «O Mistério é feminino, tratai-o como Mulher. Um fino tacto, uma comovida e enleada delicadeza e muito enternecimento vos são precisos. O Mistério não permite violências. Se tentais violentá-lo, morre da violência»⁴⁸. Há uma comovedora permanência da mesma visão de mulher que do menino passa ao homem, do colegial ao filósofo. Aqui surge a Mulher indeterminada, ou seja, a Mulher ideal. Ela é «inabordável», é aquela que «não permite violências», que pede apenas «humildade atenciosa», «fino tacto», «comovida e enleada delicadeza», «enternecimento». Mas Leonardo Coimbra reconhece na mulher uma outra face, e, é nesta ambivalência que surge a Mulher real.

Voltando à fábula já mencionada quando tratamos de Amor Ideal/Amor Real, e que faz parte do epílogo da Conferência sobre Filosofia da Liberdade, veremos que é Vénus quem surge como a Mulher real, embora inicialmente relegada ao seu ofício de sedutora. «Mercúrio traz um homem, que Vénus entontece e a quem convence ser casada com o seu melhor amigo»⁴⁹. O argumento é vão, a sedução leva a melhor. Vénus triunfa. Porém, em se tratando de um passional e não de um verdadeiro «homem de Amor», o triunfo é desprezível e apenas revela a fraqueza do homem e o poder degradador da mulher. Quando chega o Poeta, aquele que representa por excelência a raça dos homens e que goza da intimidade do Mistério, Vénus parece emergir do sono. Seu acordar é um reconhecimento de si e da necessidade de conversão. Ela assim se exprime: «Ah! Estes peitos nunca sentiram a alegria fremente que deforma e dá vida, estas ancas são de uma beleza infecunda e inútil. Quero ser Mulher, amar, sofrer, ser mãe com dores, esposa com dedicações humildes, sempre presentes e ocultas.» — O Poeta é esse homem novo e Vénus,

⁴⁷ ID., *A Alegria, a Dor e a Graça*, in *Obras*, I, 416.

⁴⁸ *Ibidem*, 416.

⁴⁹ ID., *Filosofia da Liberdade*, in *Dispêrsos*, III, 28.

volvida mulher, é a filha, a Esposa e a Mãe do homem duma humanidade renascida»⁵⁰.

Não posso deixar de pensar nos homens e mulheres que encham o auditório na noite desta Conferência, e, arrebatados pela excelência da arte oratória desse homem, ouvem essas palavras a fecharem a caudalosa vertente de ideias. As mulheres, (todas Vénus convertidas), voltam aos lares, aos afazeres quotidianos de cozinhar as couves e banhar os filhos, aliviadas das misteriosas inquietações que as impelia a questionamentos, agora despropositados, visto que alimentam e banham a «humanidade renascida». Quanto aos homens, reassumem também eles, o quotidiano menos maçador nas rodas dos Cafés, acrescidos da íntima convicção de que, sem perigo algum, até mesmo por dever humanitário, devem todos partir, batalhão heróico de Poetas, para a sublime e deliciosa missão de converter Vénus!

Temos pois, as duas faces. Vénus é a mulher real, enquanto que a mulher ideal, à qual deve tender Vénus convertida, permanece o Mistério. Há dois importantes pontos a ressaltar: o aspecto de sedutora e a necessidade de conversão. Quanto ao primeiro ponto, diremos que o jogo de sedução, como é patente, é jogado entre o homem passional e a mulher-objecto. É aquilo que, na linguagem do filósofo, poder-se-ia chamar «cousismo». Portanto, a mulher deverá ser libertada do seu papel de sedutora. E como se fará isto? Atribuindo-lhe novos papéis, novas funções. Não é da mulher em si, aquilo de que se trata, mas da mulher no papel ou função que exerce. De SEDUTORA passa a FILHA — ESPOSA — MÃE. São todas funções inerentes à sua condição de mulher. A condição restringe. Sua beleza não tem razão em si, mas enquanto serve ao propósito das funções que exerce: os peitos e ancas para deformarem-se na função da maternidade, como se a Beleza não contivesse já em si a sua razão de ser. Sofrimento, «dedicações humildes sempre presentes e ocultas», resume ao que pode aspirar, como se isso esgotasse o potencial do seu ser de mulher.

Vénus é a mulher real que o filósofo não aceita senão convertida, porque no seu idealismo, não consegue aceitar que alguém que é íntima do Mistério, seja capaz, ao mesmo tempo,

⁵⁰ *Ibidem*, 29.

de condimentar com afrodisíacos a sopa de couves! O medo do facto de que a mulher pode usar da sedução, como aliás é apatnágio do próprio homem (e então, na Grécia, a arte oratória não ganhava da curva das ancas?) e da natureza em geral, até inconscientemente, é muitas vezes o medo que o seduzido tem de reconhecer suas próprias inclinações.

Aprisionada em funções, a mulher permanece desconhecida, ideal, intocável e intocada. «O Universo é na vossa frente, virginal e sedutor, tenta-vos. Conquistai-o: mas que fique sempre virgem. Só assim vos continuará a seduzir. O Mistério é uma Mulher...»⁵¹.

Pode-se verdadeiramente amar a Mulher ideal ou tratar-se-á, antes, dum sonho de um ideal de Amor? A Mulher real possui as mesmas exigências e fomes do homem e que fatalmente culminam no absoluto. Ela tem a mesma necessidade de luz, de conhecimento, de consciência de si e do mundo. A Mulher não é puro Mistério mas tem sua cumplicidade com Ele e reconhece o medo inconsciente e a incapacidade humana de lidar com o Mistério. Houve homens e mulheres, chamados os místicos, meio santos e meio loucos de lucidez, Poetas do Mistério que O violentaram. A Unidade não pode ser um estado onírico quando é o próprio filósofo que canta a suprema consciência.

Viver um ideal de Amor ainda não é viver o Amor. Mas a filosofia por vezes não diz tudo e a poesia diz tão mais do que intuímos que diz! Aparência e realidade são conceitos difíceis de isolar no pensamento de Leonardo Coimbra. Também o Tempo oferece uma diversidade de feixes de luz pelos quais se pode perceber a realidade. Assim, o filósofo pode dizer: «um outro tempo renasce, o da invenção amorosa...»⁵².

Leonardo Coimbra tudo vê como o Poeta vê, logo, é impossível não se deixar «seduzir» quando a visão é grandiosa e, pequenos como possamos nos sentir, sabemos que «o Amor inventará ciclos de glória...»⁵³.

⁵¹ ID., *A Alegria, a Dor e a Graça*, in *Obras*, I, 417.

⁵² ID., *A Razão Experimental*, in *Obras*, II, 807.

⁵³ *Ibidem*, 808.

CONCLUSÃO

Concluir sobre o Amor é impossível, mesmo quando se trata de abordar o Amor sob a óptica de um homem da estatura espiritual de Leonardo Coimbra. O Amor, e ele o viveu, transume tempo e espaço num eterno e genesíaco: Vive! As conclusões, em geral, arrematam em nós, fecham círculos que não podem ser fechados, porque, sendo o Amor um DOM inesgotável, nutre a esperança ou a fé. Conclui-se o pensamento e logo se desprende da consciência nova fita de luz.

Leonardo Coimbra surpreendeu o Amor na Origem e sua florescência na síntese final; apercebeu-se de sua força impulsional e elucidativa, em progressão e harmonia de dança cósmica. O Mistério de que fala, não é o *Mysterium Tremendum*, porque o homem assoma à Consciência e, como ele próprio resume, tudo leva ao «conhecer, compreender e não aniquilar»⁵⁴. Há nisto uma certeza amorosa do Absoluto amante, mediante a qual ele avança no seu sistema. Foi capaz de «bater à porta do Mistério»⁵⁵, não com violência, mas sempre com conversão. O Amor intuitivo na Origem gerou o Criacionismo que recupera e revela este mesmo Amor através de sucessivas conversões. A conversão ao catolicismo não foi uma viragem total, foi a última, após a qual, viesse o que fosse — a morte, ...inclusive, — a Alegria, a Dor e a Graça comporiam uma incidência de opostos. Não é possível minimizar o significado da adesão do filósofo à Igreja Católica. Conversão da Consciência, pela Consciência, para a Consciência. A ânsia metafísica nascera-lhe de uma visão da Origem, para subsistir como saudade e Presença.

O Amor da Origem atravessou-lhe a carne e correu-lhe no sangue; isto ele não o supôs porque as ideias não lhe permitiriam suportar. Recusou-se a reconhecer na experiência do corpo outra coisa que não fosse «estremecimentos de Pã...»⁵⁶. Ardeu pelo beijo e recusou a boca.

Na Adoração, a proximidade da Mulher que o instinto poético fá-lo reconhecer, assume a proporção de um confronto desesperador: «o nosso desejo é feito de um ódio misterioso: hei de quei-

⁵⁴ ID., *A Alegria, a Dor e a Graça*, in *Obras*, I, 414.

⁵⁵ *Ibidem*, 444.

⁵⁶ *Ibidem*, 420.

mar-te, dissolver-te em mim»⁵⁷. Ora virginiza a Mulher, veste-a de mistério, ora aniquila-a na paixão destruidora, e não consegue encontrar o apaziguamento. Tem o «cousismo» da conquista ou da rendição, promotoras de realidades estáticas. Fala através de Marco, um personagem materialista: «Não quero desencadear vendavais, cuja força não posso dominar e de que serei vítima impotente», e que prefere «a força passional dum desejo», e «a salutar satisfação do instinto e do impulso orgânico»...⁵⁸. Quer sublinhar a sua oposição ao pensamento de Marco, comendo outro personagem, Célio, por cuja boca responde e justifica-se: «Nunca amastes, senão terias experimentado, em plena felicidade amorosa, junto da namorada, mãos nas mãos e almas penetradas, o estranho desejo de ausência para melhor contemplares o teu Amor. É que esse Amor é ainda mais presente em lembrança e evocação que na limitação da presença material»⁵⁹. Antes, que arda a matéria!

Mas Leonardo Coimbra chegou à Mulher assim como chegou a Deus, através do Amor que o incitou ao Amor, à filosofia, ao delírio, à criação. É impossível falar na sua concessão de Amor, sem que se fale de Deus a quem busca ansioso, e sem que surja sempre, de alguma forma, o vulto do Feminino a quem segue fascinado e submisso: «Eis que o meu Amor toma a minha mão de criança e me leva a conhecer o mundo»⁶⁰. Há aqui um entrelaçamento que não é só fruto da poesia ou da filosofia, mas diz do homem que «um dia teve uma maré d'alma»...⁶¹

Numa carta a uma companheira de viagem, que vislumbra através do vidro de uma carruagem de combóio, quicá sonhadas, a viagem, a mulher, Leonardo Coimbra confessa: «Como se fez a minha ressurreição? Foi ainda o Amor: Tudo no Universo é obra do Amor. E os olhos d'uma mulher são sempre os pórticos que o Amor rasga para dar entrada no Mundo. Apareceu-me Deus debruçado nos olhos d'uma mulher...»⁶².

ALINA T. MONTEIRO — *Aluna da Fac. de Teologia*

⁵⁷ ID., *Adoração*, 22.

⁵⁸ ID., *Do Amor e da Morte*, in *Obras*, I, 583.
Ibidem, 600.

⁶⁰ ID., *Adoração*, 95.

⁶¹ ID., *Carta a Uma Companheira de Viagem*, in *A Águia*, Série,
n.º 1 (1910) Dez., 10.

⁶² *Ibidem*, 10.

Renovação conciliar da Igreja em Portugal*

INTRODUÇÃO

O tema que aqui vou desenvolver não foi encarado na perspectiva de fazer uma lição teórica sobre o que deve ser a renovação conciliar da Igreja em Portugal, mas no esforço de contribuir para dar uma identidade visível à Igreja pós-conciliar, na linha do Vaticano II.

Creemos que foi aliás este, desde o princípio, o intuito dos organizadores, expresso logo a quando da fixação das finalidades e objectivos do Congresso: «contribuir para que a Igreja de Portugal se conheça melhor a si mesma; contribuir para que a Igreja em Portugal conheça melhor a sociedade de que faz parte; contribuir para que a Igreja em Portugal tome maior consciência de que não pode ser fiel à sua vocação e missão se não for formada por cristãos e comunidades cristãs que queiram viver em permanente revisão de vida».

Há vinte anos que se realizou o Concílio. Todos se reclamam dele. Todos procuraram pôr o seu movimento a par com o Concílio. Alguns vão dizendo que tudo o que o Concílio disse já o iam praticando. Enfim alguns já o perderam como referência.

E todavia bastaria ter o Concílio como referência de toda a pastoral da Igreja para evitar muitos erros, muitas repetições, muito dizer o mesmo a pensar que é diferente.

* Conferência pronunciada no Congresso Nacional de Leigos, Fátima, 2-5 Junho de 1987.